

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA: EDUCAÇÃO BÁSICA – ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

ERCOLE DA PAIXÃO, Gabriele Licencianda em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

DA VEIGA DE SOUZA, Luana Licencianda em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

CZOCHER DE SOUZA, Bárbara Licencianda em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

PEREIRA BEDNARCHUK, Eduarda Licencianda em Pedagogia no Centro Universitário
Internacional Uninter

INOCÊNCIO, Kellin Cristina Melchior.

RESUMO

Este trabalho aborda a participação da família na escola: Educação básica – ensino fundamental anos iniciais. Tal problemática consiste em como a ausência da participação familiar interfere no desenvolvimento escolar e social da criança? Essa questão se justifica além da prática docente das pesquisadoras, pela relevância da família como instituição formadora e da relação necessária entre escola e família. O objetivo central deste trabalho é averiguar a necessidade da participação familiar para o desenvolvimento integral do estudante, como os aspectos biopsicossociais. Para isso, foram empregados metodologicamente os seguintes procedimentos: a abordagem qualitativa visando a qualidade da pesquisa. Esse propósito será fundamentado por meio da revisão bibliográfica / estado da arte. Com essa pesquisa, esperamos corroborar tanto com a escola como com a família na busca pela conscientização dessa relação, sobretudo aos pais na compreensão que sua participação pode afetar a vida educacional de seu filho. Com base para este trabalho utilizaremos os seguintes autores: Libâneo (1985/1998), Romanelli (2005), Prado (1981), Parolim (2003), Piaget (2007), Fante (2005), Severino (2007), Lakatos e Marconi (2003), Lakatos e Marconi (2010), Inocêncio (2021), Manzo (1971), Creswell (2010), Peravano (2016), Dias Pinto (2019).

Palavras-chave: Família. Escola. Aprendizagem.

1. Introdução

Esse artigo aborda como a falta do contexto familiar prejudica o ensino da criança enfatizando questões como: estabelecer a relação família x escola? E quais as contribuições e os conflitos dessa relação no processo de ensino e aprendizagem. Nos levamos em consideração o porquê de a escola estar assumindo sozinha toda a responsabilidade de educar, é necessário refletirmos sobre quais papéis a escola e a família têm que assumir. Abordaremos questões pertinentes sobre essa relação, e analisaremos aspectos onde a escola auxilia na construção de valores para o desenvolvimento do estudante, para isso demos uma volta no passado.

Procuramos abordar como objetivo geral refletir e pesquisar a importância da participação da família na vida escolar do estudante, pois observa-se muitas vezes que ao invés de uma união entre a família e a escola em muitos casos há uma dissociação. Por isso é necessário promover a interação entre escola e família e identificar os elementos que dificultam a comunicação entre elas, reconhecendo assim os benefícios deste convívio.

A importância desse tema se dá de acordo com o crescente enfraquecimento dos laços conjugais, os novos modelos de família, tudo isso entrelaçado a todos os problemas. O cenário atual apresenta uma estrutura familiar que está cada vez mais complicada, resultantes das transformações que aconteceram ao longo da história. Estas mudanças influenciam de modo direto o cotidiano familiar e a dinâmica escolar, de forma que a família tem atribuído para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

A elaboração desse artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica com base em leituras de material já publicado, como livros, revistas e artigos científicos, legislações e documentos de autores que abordam o tema tais como; Libâneo (1985/1998), Romanelli (2005), Prado (1981), Parolim (2003), Piaget (2007), Fante (2005), Severino (2007), Lakatos e Marconi (2003), Lakatos e Marconi (2010), Inocêncio (2021), Manzo (1971), Creswell (2010), Peravano (2016), Dias Pinto (2019). Destacando assim opiniões de autores a fim de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando o mais explícito e contribuindo para a construção de hipóteses.

2. METODOLOGIA

A metodologia bibliográfica nos permitiu justapor nossos conhecimentos empíricos com os científicos apresentados nas publicações, proporcionando reflexão entre a práxis e a teoria e a reconstrução de conhecimentos. Para tanto, validamos a compreensão de que o homem está em constante aprimoramento de múltiplos saberes por meio das pesquisas acadêmicas. Conforme explanado por Severino a pesquisa de cunho bibliográfico,

[...]sendo aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc., Utiliza - se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam - se fontes dos temas a serem pesquisados, e assim o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos. (SEVERINO, 2007, p.122).

Nesse cenário reforçamos que a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando à conclusão inovadoras. Nesse cenário, Manzo (1971, p. 32), esclarece que a biografia pesquisada “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”, e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”.

Para Lakatos e Marconi (2003, p. 183) a pesquisa bibliográfica tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito [...] e, portanto, podendo ser associada a abordagem qualitativa. Todavia, devemos mencionar que as técnicas de pesquisa apresentam vantagens e desvantagens enfocando sua limitação, porém, a abordagem qualitativa permite o “acúmulo de informações sobre determinado fenômeno, que também, podem ser analisados por outros pesquisadores, com objetivos diferentes”. (Marconi; Lakatos, 2010, p. 172)

Assim, organizando as especificidades da pesquisa qualitativa, apresentamos suas características relevantes na tabela, definindo pontos que orientaram metodologicamente esse estudo, conforme INOCÊNCIO (2021),

Tabela 1: Abordagem qualitativa e suas especificidades

CARACTERÍSTICAS DA ABORDAGEM QUALITATIVA
Não há um processo pronto e acabado na e para a formulação de problemas.
As hipóteses não são testadas, elas são construídas durante o processo e se aprimoram com a coleta de dados, se caracterizando como resultado do estudo.
A coleta de dados não é pré-determinada, podendo ocorrer sob diferentes olhares e perspectivas; Não é padronizada.
A observação dialogal, observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, registro de histórias de vida e interação com grupos são técnicas de coletas de dados.
O processo da indagação é mais flexível e se move entre as respostas e o desenvolvimento da teoria. Seu propósito consiste em reconstruir a realidade, da mesma forma como ela é observada pelos atores de um sistema social previamente definido.
O pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado.
Postula que a realidade é definida por meio das interpretações que os participantes da pesquisa fazem a respeito de suas próprias realidades. [...] há uma convergência de várias realidades.

Fonte: Inocêncio, Kellin. Alfabetizar com Paulo Freire: Aprendendo a Ler a Palavra pela leitura do mundo. Curitiba, 2021.

Tais especificidades enfatizam a abordagem qualitativa a partir do enfoque de Creswell (2010, p.206) “empregando diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, e métodos de coleta, análise e interpretação de dados.” Entretanto, é válido ressaltarmos que na análise de uma investigação qualitativa não são utilizados dados numéricos, mas sim, de questões importantes do trabalho científico, considerando nesse estudo a articulação com nossas experiências docentes ao longo do curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Em suma, a pesquisa analisa e interpreta os cenários postos, excluindo as possibilidades numéricas de dados, entretanto, valorizando a investigação do ambiente natural, onde os atores vivem e participam, uma vez que o enfoque não em medir e sim

compreender o objeto de pesquisa, baseados em observações e vivências do pesquisador (Perovano, 2016).

Dessa maneira, relacionado ao nosso estudo, consideramos a metodologia adequada para nos aprofundarmos na temática, bem como termos compreensão dos diferentes olhares ao tema abordado, bem como nos orientando na busca de possíveis soluções para a problemática.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA/ESTADO DA ARTE

4. O CONTEXTO HISTÓRICO E A CONSTRUÇÃO ESCOLAR

A escola é uma das instituições sociais de maior relevância tanto pelo enfoque histórico como pela perspectiva formativa, sendo essa constituída pela socialização e o processo de desenvolvimento cognitivo enfocando os objetos de conhecimento que foram sistematizados pelo homem.

Ao longo dos séculos a escola passou por transformações significativas, moldando a sociedade e desempenhando um papel essencial na formação de gerações de pessoas.

Para Libâneo:

Educar (em latim, é educare) é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação. O ato pedagógico pode então ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto ao nível intrapessoal, quanto ao nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os torne elementos ativos desta própria ação exercida. (1985, p. 97).

Portanto, consideramos pertinente apresentarmos alguns fatos históricos que corroboraram para a formação da escola e da educação, justamente pela associação aos estágios da evolução humana – desde a educação primitiva até o modelo de escolarização contemporânea.

Nesse sentido é válido considerarmos a concepção de dois significativos termos: o ensino e a aprendizagem que, apesar da relação quase que inseparável, esses termos podem ser percebidos a partir de diferentes concepções e aplicabilidades, sobretudo ao observarmos as correntes teóricas difundidas na área educacional que procuravam analisar e compreender o fenômeno educativo por meio de enfoques distintos, cada qual relacionado a um momento histórico e social específico. Optamos por iniciar trazendo essa reflexão, pois tanto a condição de ensinar como de aprender está associada ao estudante, a sociedade, ao professor e ao nicho familiar, podendo esses autores interferirem diretamente no processo de escolarização.

Para compreendermos esse binômio partimos da premissa de que a educação se constituiu no Brasil em contextos variados ao longo do tempo, sobretudo nos aspectos políticos, econômicos e sociais. Isso significa que ela não trilhou um caminho único em perspectivas que a constituem, como os aspectos curriculares e metodológicos, o processo de desenvolvimento do estudante e até mesmo da função docente. Portanto, a Educação Básica na instância federal foi constantemente influenciada, repensada e reorganizada com base em interesses e demandas específicas.

Em uma tentativa de análise e apresentação histórica da constituição da escola, é devemos conceber que a educação recebeu a contribuição de outros elementos em sua concepção, constituindo-se a partir de um movimento contínuo, social e múltiplo, que permite que a educação seja percebida como recurso que possibilita o desenvolvimento dos homens e, conseqüentemente, da sociedade.

A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmbito da segunda. (DIAS; PINTO, 2019, p. 1)

No aspecto histórico poderíamos abordar do Brasil império a contemporaneidade, entretanto, optamos por apresentar alguns fatos significativos na construção da escola

para que, muito mais que condição histórica, consigamos compreender o processo gradativo de transformação da instituição formal de educação. Assim, partimos da ideia inicial de uma educação cultural e de sociedades primitivas, onde a ação educativa se dava com características difusa ao próprio andamento da sociedade, ou seja, todos educam a todos e mais, a aprendizagem por meio da prática e os conhecimentos transmitidos por via dos afazeres domésticos, portanto, não existia um currículo como temos na educação escolar contemporânea, mas sim, um movimento educativo embasado exclusivamente na cultura passada de geração em geração.

Outro fator significativo recai a escola por décadas como ambiente segregador como as escolas de primeiras letras que surgiram no século XVII e se instituíram como um movimento educacional que ainda estava articulado aos apontamentos cristãos, sendo realizadas nas fazendas e estava fortemente atrelada ao catecismo, pela ação exercida por padres seculares.

A escola gradativamente se dissociou dos ensinamentos cristãos e se constituiu com base em políticas públicas, sobretudo na primeira e segunda república, colocando-a – ao menos nos documentos, como instituição para todos e de qualidade, deixando de ser um ambiente segregador, como para pessoas de posses como os fazendeiros e homens, excluindo filhos de escravos, pobres e mulheres.

Ainda no Brasil Império, em 1870, temos o início da criação da educação para todos, a escola primária, que se efetivaria por meio da cobrança de tributação. A renda viria para subsidiar a construção das escolas, denominadas como “casas de escola próprias”:

Considerando-se o início da década de 1870, verifica-se que nestas regiões (áreas rurais do estado do Rio de Janeiro), mais distantes do centro da cidade, a presença de casas de escolas primárias, mantidas pelo orçamento do Ministério do Império, era mais rarefeita, via de regra, havendo para cada freguesia ou paróquia, uma média de 2 escolas oficiais, uma para cada um dos sexos, embora em alguns casos fossem registrados apenas 1 escola de meninos. Nas freguesias da cidade classificadas como rurais pelo Ministério do Império – Santa Cruz, Guaratiba, Campo Grande, Jacarepaguá, Irajá, Inhaúma, Ilha do Governador, Ilha de Paquetá – foram registradas, para o ano de 1870, um total de 17 casas de escolas públicas de ensino primário, sendo 10 para o atendimento dos meninos. (Jornal “A Província de São Paulo, 1885)

A primeira República é compreendida como o período entre 1889 a 1930, e foi marcada por mudanças, sobretudo na área educacional, sendo que os governantes espelhavam-se em métodos educacionais europeus e estadunidense, pois nesses continentes ocorria, simultaneamente, um progresso educacional. Com esse espelhamento, tivemos transformações no cenário brasileiro que deixavam de lado a característica de país agrário, de coronéis, para o posterior processo de industrialização.

Nesse mesmo período demonstrava a necessidade de melhorias educacionais ainda na base, ou seja, era necessária uma escola efetiva e que viesse a diminuir os índices de analfabetismo e de ignorância de grande parte da população que, segundo o Jornal “A Província de São Paulo” atingia 81,43% de analfabetos. Diante disso, uma nova escola normal foi planejada, voltando-se para a formação inicial e para o desenvolvimento das crianças.

No período das décadas de 1930 a 1971, a segunda fase da República, ocorreram avanços no sistema de ensino, justamente por não mais se apresentar na condição de chamar a atenção de autoridades e sociedade para a necessidade de educar o povo, mas sim, de aperfeiçoar o sistema e criar condições favoráveis para que o mesmo acontecesse e progredisse.

A Segunda República é marcada por um grandioso desafio: a expansão do ensino fundamental. Porém, as condições que não eram favoráveis, aumentavam a dificuldade. Nesse movimento temos uma população que crescia rapidamente, o surgimento desordenado de novas metrópoles e seus problemas sociais e de infraestrutura, a migração rural-urbana em várias regiões do país que, caoticamente, se instalava em cidades prósperas, conseqüentemente, o resultado foi catastrófico – um grande número de analfabetos no país.

A partir da década de 1980 a educação já considerada contemporânea outros movimentos políticos e pedagógicos se instalaram visando o aprimoramento e a formação integral dos sujeitos, portanto, alterações significativas surgiram, desde o tempo e permanência da criança na escola e no seu processo de escolarização, como as relações e

funcionalidades da escola, aproximando a família da responsabilidade no processo ensino-aprendizagem do estudante da educação básica. Além disso as relações curriculares se modificaram surgindo novas formas de ensinar e aprender, mesclando múltiplos recursos e visando a formação continuada de professores.

Analisando a escola na atualidade, no início dos anos escolares o educando tem uma experiência social segmentada e complexa que precisa ser desenvolvida e organizada. Na escola zelamos por uma educação formal, planejada, e com objetivos claros e com profissionais aptos para exercer diversas funções de ações apropriadas.

Atualmente, a escola também está passando por transformações. Uma delas é a tecnologia, que está desempenhando um papel cada vez mais significativo no ensino, expandindo os limites do conhecimento e tornando o aprendizado, de certa forma, mais acessível. As escolas estão se adaptando às demandas de um mundo que está em constante mudança, formando os alunos para o desenvolvimento e sucesso escolar.

Todos esses movimentos históricos articularam a educação aos interesses políticos e de formação social, ou seja, formar o próprio povo conforme as orientações políticas vigentes em cada momento, porém, a instituição escolar é parte essencial da história independente de seus movimentos pedagógicos, políticos e sociais.

5. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEU PAPEL

Averiguar qual, de fato, é a função da escola nos exige distanciamento do ambiente, procurando excluir as experiências adquiridas na docência ao longo do curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia. Isso por existir diferentes olhares e vertentes acadêmicas para a instituição formal de educação.

Assim, consideramos que a escola tem de fato partilhado funções que vão além da condição de formação cognitiva. Dessa maneira a instituição escola desempenha um papel fundamental na sociedade, realizando múltiplas ações visando puramente o desenvolvimento gradativo só ser humano, portanto, é um ambiente o qual tem em sua

função de base a promoção e construção do ensino - aprendizado sendo ofertado por meio de múltiplas possibilidades pedagógicas e metodológicas.

Essa função evidente da escola visa proporcionar educação e formação integral dos sujeitos, bem como garantir – conforme determinação legal, que todos os alunos tenham acesso a educação básica, gratuita e de qualidade, independentemente de sua origem socioeconômica, raça, gênero, religião ou deficiência. Além do conhecimento, a escola também desempenha um papel importante no desenvolvimento pessoal dos estudantes, e na formação dos valores e da ética, promovendo princípios como respeito, tolerância, honestidade e responsabilidade e preparando os estudantes para se tornarem cidadãos responsáveis na sociedade.

Nessa conjuntura, devemos analisar a escola em sua totalidade e não se maneira fragmentada, isso significa associá-la tanto como promotora da formação cognitiva, como da socialização, dos valores, dos aspectos emocionais e psicológicos e outros que constituem o ambiente e a comunicada escolar. Portanto, com uma sociedade múltipla a escola deve atuar como ambiente inclusivo que celebra a diversidade e respeita as diferenças, corroborando a luta contra o preconceito e a discriminação.

Nesse mesmo viés social a instituição formal de educação deverá acompanhar as mudanças presentes na sociedade macro e globalizada, sobretudo sua organização visando a comunicação e desenvolvimento, incluindo as TDICs – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, preparando o estudante para o desenvolvimento crítico, criativo, autônomo, mercadológico e, de maneira global, para atuarem em um mundo em constante evolução e incentivando a inovação e a adaptabilidade. Para Libâneo:

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. [...] (LIBÂNEO, 1998a, p. 22)

Tais apontamentos nos permite afirmar que questões relacionadas à educação frequentemente estão no centro dos discursos políticos, acompanhando as transformações sociais e evidenciando a necessidade de modificar o ambiente escolar, independente se em aspectos curriculares, legais ou pedagógicas.

A busca por uma educação que compreenda as transformações sociais do mundo globalizado, necessita de um cidadão participativo e capacitado a se tornar agente de mudança, capaz de buscar novos ideais, transformar a si mesmo e contribuir positivamente para a sociedade. A escola enfrenta o desafio de evoluir e se adaptar às mudanças sociais e familiares, mantendo seu compromisso fundamental com a educação e o desenvolvimento dos alunos. Essa evolução requer colaboração entre todos os atores envolvidos na educação, incluindo escolas, famílias, comunidades e governos, para garantir que os alunos estejam bem preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Somado a esses desafios da educação no século XXI há outro ponto relevante que alterou significativamente a organização pedagógica escolar, bem como interferiu em sua função e na formação dos sujeitos: as diferentes ofertas de permanência em ambiente escolar, permitindo com que crianças fiquem distante do ambiente familiar por longas horas.

Essa é a oferta do contraturno, o qual denomina-se como período integral. Esse termo refere-se a quantidade de horas que a criança permanece na instituição, levantando diferentes olhares quanto as possíveis vantagens e desvantagens desse processo educativo. Quando observamos os estudantes do meio período é possível averiguar, em sua maioria uma maior disponibilidade em estar na escola, com sentimentos mais calmos, e mais, é perceptível a maior participação dos responsáveis na vida escolar do estudante.

Por outro lado, no período integral há um maior convívio social, tanto dos estudante com seus pares como com o corpo docente, pois realizam atividades com as diferentes turmas, além de práticas recreativas que proporcionam adquirir vários conhecimentos, entretanto, há uma menor participação da família uma vez que os estudantes realizam as atividades cognitivas – teóricas e práticas, na escola.

Naturalmente que o processo de oferta do período integral deu-se a partir da necessidade social, sobretudo da inserção da mulher no mercado de trabalho, além de atender as determinações legais e curriculares. Estar em ambiente escolar nessa condição é tão somente escolha familiar.

6. A TRANSFORMAÇÃO DA FAMÍLIA AO LONGO DA HISTÓRIA

A família é uma instituição fundamental na sociedade e tem evoluído ao longo da história de acordo com as mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas. A forma como a família é estruturada e suas funções variam significativamente de uma cultura para outra e ao longo do tempo.

Na Grécia e Roma, as famílias tinham suas próprias tradições e rituais religiosos, e o Pater (chefe da família) desempenhava um papel central na tomada de decisões e nas práticas religiosas. Tudo tinha que ser dirigido e com submissão a ele. O casamento em Roma era um contrato civil e era realizado através de um acordo entre as famílias envolvidas. Esse acordo poderia ser renovado periodicamente, e a falta de renovação indicava o divórcio. O divórcio era uma prática relativamente simples e definitiva, além disso, casamento romano era monogâmico, o que significa que envolvia a união entre um homem e uma mulher. As uniões matrimoniais eram frequentemente decididas pelas famílias, levando em consideração seus interesses, como propriedade, status social e alianças políticas. É importante notar que as práticas familiares e matrimoniais na Grécia e em Roma eram moldadas por suas próprias tradições culturais e valores sociais, e essas práticas variavam ao longo do tempo e de uma região para outra. Além disso, essas práticas eram bastante diferentes das concepções modernas de casamento e família, refletindo as normas da sociedade da época.

A concepção de família é um conceito complexo que evoluiu ao longo do tempo e varia culturalmente. A ideia tradicional de família costumava ser restrita à composição nuclear, composta por um pai, uma mãe e seus filhos biológicos. No entanto, a

compreensão da família tem se expandido para incluir uma gama mais ampla de configurações familiares e relacionamentos.

Com a transformação da História, foram surgindo novas formas de família. Várias mudanças ocorreram no século XX, mas algumas raízes ainda ficaram, aonde a autoridade ainda é do homem, a submissão da esposa e dos filhos. A mudança mais importante na época de 1960, foi o número de anulações nas igrejas, divórcios e desquites, por conta da entrada das mulheres no mercado de trabalho, fazendo assim elas terem sua independência financeira. Desta forma as famílias começaram a mudar, tivemos casamentos sucessivos, filhos de diferentes casamentos e/ou de pais separados. ROMANELLI diz:

“Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundam em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades enfrentadas pelas famílias”.
(2005, p. 77)

Vários modelos de família têm surgido, a mais conhecida e a mais valorizada pela sociedade atualmente é a família composta de pai, mãe e filhos, sendo este o modelo que a sociedade aprende desde criança. Outro modelo é a família homossexual, quando duas pessoas de mesmo sexo vivem juntas, com crianças adotivas ou resultantes de uniões anteriores, também temos o caso de duas mulheres, com filhos por inseminação artificial.

As mudanças ocorrem nas famílias com poder relativo baixo, em que as mães se tornaram chefes de família, e tem que cuidar de seus filhos e ainda pais que ficam em casa para cuidar de seus filhos enquanto as mães trabalham. É visto que alguns problemas são gerados devido o despreparo dos pais, pois são adolescentes. Muitas famílias vivem em dificuldades, como exemplo, o desemprego, doenças graves, distúrbios mentais, atividades contra a lei, envolvimento com drogas. É responsabilidade da família e instituições de ensino assumir e desempenhar a sua função, sempre uma completando a outra, não permitindo lacunas, assim teremos uma educação de qualidade, lembrando que a criança é um ser ativo, que depende dessa integração para seu desenvolvimento.

7. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento escolar de uma criança. Seu apoio, envolvimento e atenção podem ter um impacto significativo no sucesso acadêmico e no bem-estar emocional da criança. O ambiente de aprendizado em casa desempenha um papel crucial no desenvolvimento escolar, pois um ambiente tranquilo e estimulante, com acesso a livros e recursos educacionais, pode motivar uma criança a aprender e estudar.

Além disso a família é o primeiro e mais influente ambiente social em que uma criança é imersa desde o momento de seu nascimento. É nesse contexto que ela começa a formar sua identidade, a compreender o mundo ao seu redor e a desenvolver valores, habilidades sociais e emocionais que a acompanharão por toda a vida. O papel da família no desenvolvimento do aluno é de vital importância e vai muito além de prover necessidades básicas, como alimentação e abrigo.

Conforme Prado, a família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal. É no contexto familiar que a criança adquire suas primeiras experiências educativas e aprende a se harmonizar nos diferentes ambientes, independente das normas que lhe são impostas, através da família, da escola ou qualquer que seja a realidade vivida na sociedade. (1981, p.9)

A presença ativa e envolvida da família na educação escolar de seus filhos é fundamental para o sucesso acadêmico e pessoal das crianças. Os pais podem ajudar seus filhos a estabelecer rotinas de estudo, proporcionando um espaço adequado para a realização de tarefas de casa e estar disponível para ajudar com dúvidas acadêmicas. Pois quando a família não desempenha o seu papel, pode gerar insegurança na criança, que será capaz de se transformar em um adulto frustrado, inseguro, com baixa autoestima e às vezes até agressivo. Prado (1981) afirma que: A família influencia positivamente quando transmite afetividade, apoio e solidariedade e negativamente quando impõe normas através de leis, dos usos e dos costumes. É no seio familiar, que a criança aprende a socializar, dividir, compartilhar e conviver em grupo.

O relacionamento familiar desempenha um papel crucial no desenvolvimento individual do educando, especialmente no contexto escolar. A qualidade dessas relações e a forma como se entrelaçam com o ambiente escolar têm um impacto significativo no sucesso acadêmico e no desenvolvimento social e emocional dos alunos. A escola é o lugar onde é adquirido conhecimento, habilidades e valores que prepararão para a vida. No entanto, para que a educação seja verdadeiramente eficaz e abrangente, é essencial que haja uma colaboração próxima e uma parceria ativa entre a escola e a família. É indispensável que os pais pensem sobre suas atitudes assim começando a participar de modo ativo na vida escolar dos filhos, participando de reuniões, tendo um contato direto com professores, entre outros. A família é capaz de incentivar a aprendizagem do aluno estimulando, dessa forma, o interesse e a curiosidade.

8. A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA

A relação família e escola é um dos temas mais discutidos atualmente por pesquisadores e gestores da rede de ensino seja ela privada ou pública. As discussões são as mais diversas e abordam desde o clássico fracasso escolar até as questões recentemente incorporadas ao cotidiano escolar como, por exemplo, as diferentes composições familiares. As composições familiares variam amplamente devido à diversidade de culturas, valores, experiências de vida e escolhas individuais. Não existe um único modelo "correto" ou "normal" de família, pois a sociedade moderna reconhece uma ampla gama de configurações familiares.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

Tabela: Estatuto da Criança e do Adolescente: pontos relevantes

Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Direito de ser respeitado pelos seus educadores;
Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias superiores;
Direito de organização e participação em entidades estudantis;
Acesso à escola pública e gratuito próximo de sua residência.
É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Fonte: BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

A escola e a família têm papéis distintos e complementares na educação de uma criança. A escola fornece o ambiente formal de ensino, oportunidades de aprendizado, estrutura curricular e a expertise dos educadores. Por outro lado, a família oferece apoio emocional, valores, orientação e um ambiente de aprendizado informal em casa. Quando ambos colaboram de forma eficaz, os alunos se beneficiam de um ambiente de aprendizado mais rico e oportunidades para alcançar seu pleno potencial.

A relação família/escola é vista em relação ambiental e cultural, essa relação entre educação e classe social nos mostra um conflito entre as intenções socializadoras da escola e a educação doméstica, com isso, há conflito entre a organização da família e os objetivos da escola. E desta forma, torna-se necessário, para o bom funcionamento da escola, que as famílias adotem as mesmas estratégias de socialização utilizadas por elas. Assim, a concepção de modelo familiar correto obtém destaque e se naturaliza, tendo a própria escola como propagadora da ideia de que algumas famílias exercem de uma forma diferente o seu objetivo.

A divergência entre os modelos familiares e as estratégias de socialização é, de fato, um desafio importante que a escola enfrenta. A família desempenha um papel central na socialização das crianças, transmitindo valores, normas, cultura e comportamentos. No entanto, a escola também tem uma missão socializadora fundamental, complementando e reforçando os esforços da família. "Para Oliveira (2002), há uma intenção que passa muitas vezes despercebida nessa tentativa de aproximação e colaboração, que é a de promover uma educação para as famílias tidas como "desestruturadas". O ambiente

escolar desempenha uma influência de direção sobre os pais para que eles consigam educar de uma forma melhor os filhos para que assim possam frequentar a escola.

Conforme Parolim:

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (2003, p. 99)

Embora a relação família/escola seja fundamental, ela pode enfrentar desafios, como falta de comunicação ou mal-entendidos. Superar esses desafios requer esforços de ambas as partes, incluindo abertura para o diálogo, compreensão mútua e respeito pelas perspectivas de cada um. É essencial incentivar essa parceria pois essa união entre família e escola é um dos pilares da educação de qualidade. Quando há uma colaboração eficaz entre esses dois pilares da educação, os alunos têm melhores oportunidades de crescer, aprender e se tornar cidadãos bem-sucedidos e socialmente responsáveis.

A escola enquanto instituição assume diferentes funções referente à formação humana e social dos estudantes inseridos no processo de ensino. Não se pode pensar que a escola é apenas um espaço físico destinado ao ensino e o único lugar onde acontece a educação, ela ocorre em tempos e espaços diferentes. O campo da educação, tem diferentes modalidades: a formal, informal e a não formal, e essas vão se diferenciar pela espontaneidade do ato educativo, sistematização dos conteúdos, etc.

Nessa perspectiva podemos afirmar que a família é um estreito âmbito em que as pessoas podem vivenciar seus costumes, suas trocas, culturas e aprendem a importância de respeitar e ser respeitado. A escola, na sua vez, deve completar a tarefa da família aperfeiçoando o caráter e apoiando para as vivências sociais.

9. OS CONFLITOS E AS CONTRIBUIÇÕES DESSA RELAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Os embates na relação entre a família e a escola são relativamente comuns e podem surgir devido a várias razões. É importante reconhecer esses conflitos e abordá-los de maneira construtiva para garantir o bem-estar e o sucesso educacional das crianças. Esses conflitos podem criar um ambiente estressante e disfuncional que dificulta a capacidade da criança de se concentrar na escola e de se desenvolver emocionalmente. Sendo um desses conflitos os problemas individuais da criança pois se a mesma estiver enfrentando dificuldades de aprendizado, desafios de saúde mental ou outras questões pessoais, os pais e professores podem discordar sobre como lidar com essas questões e apoiar a criança.

A separação ou divórcio dos pais pode ser uma situação emocionalmente desafiadora para uma criança, mudanças na estrutura familiar, disputas de custódia e tensões entre os pais podem causar ansiedade e distração na criança, afetando seu desempenho acadêmico. Conflitos constantes ou violentos entre os pais podem criar um ambiente familiar hostil e assustador para a criança, isso pode prejudicar sua capacidade de se concentrar na escola e afetar negativamente sua saúde mental. O abuso doméstico como o físico, emocional ou sexual em casa é extremamente prejudicial para uma criança.

Essas situações podem causar trauma duradouro, dificultando a concentração, a confiança em si mesma e o relacionamento com os outros, incluindo colegas na escola. Dificuldades financeiras podem criar estresse em casa, afetando a estabilidade e o bem-estar da criança, a falta de recursos básicos, como alimentação adequada e moradia, pode prejudicar a capacidade da criança de se concentrar na escola.

Quando um membro da família está enfrentando uma doença grave ou problemas de saúde mental como o uso de drogas ou o consumo de bebidas alcoólicas em excesso, causando estresse significativo para a criança. Mudanças frequentes de residência devido a instabilidade habitacional ou migração podem interromper a educação de uma criança, isso pode resultar na perda de continuidade no currículo escolar e na dificuldade em se adaptar a novos ambientes. Na ocasião em que os pais estão emocionalmente ausentes ou não oferecem apoio emocional adequado, a criança pode sentir-se desamparada e sofrer

com problemas emocionais que afetam sua aprendizagem. As expectativas excessivamente altas ou irracionais dos pais em relação ao desempenho da criança podem criar pressão extrema e estresse, resultando em ansiedade de desempenho e dificuldades de aprendizagem.

Para abordar conflitos na relação família/escola é importante estabelecer uma comunicação aberta e regular entre pais e professores, incentivando o diálogo honesto, escutando as preocupações e perspectivas uns dos outros com empatia, trabalhar juntos para encontrar soluções e compromissos que atendam ao melhor interesse da criança, mantendo o foco no bem-estar e no sucesso da criança, colocando suas necessidades em primeiro lugar, utilizar recursos da escola, como mediadores ou conselheiros escolares, quando necessário, para auxiliar na resolução de conflitos, reconhecer que, embora possa haver diferenças de opinião, o objetivo comum é proporcionar uma educação de qualidade para a criança, ser flexível e estar disposto a ajustar abordagens e estratégias quando apropriado, a colaboração entre a família e a escola é essencial para o sucesso educacional das crianças, e a maneira como os conflitos são gerenciados pode desempenhar um papel significativo nesse processo. Como bem diz Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50)

Desta forma a família é o primeiro contato do aluno com a sociedade, e é nesse ambiente que se tem as primeiras relações afetivas, sociais e cognitivas. A escola deve se responsabilizar pelos processos educativos e na preparação do estudante para sua atuação na sociedade, trabalho que tem sido afetado devido às fortes mudanças que a sociedade em especial a família tem sofrido ao longo dos tempos.

A relação família e escola começa com a escolha dos pais pela escola em qual vai matricular seus filhos, a partir desse momento começa a troca de valores, pois tanto as famílias como a escola passam a receber influências, considerando que são duas instituições distintas em papéis e valores. E a partir daí a relação pode ser de extrema

confiança e de total desconfiança. Observar a relação família/escola atualmente requer que as escolas e os professores se empenhem em suas funções, que assegure a todos condições de plena integração à sociedade e ao mercado de trabalho.

A família pode contribuir com essa relação oferecendo um ambiente emocionalmente seguro para os alunos pois o apoio e o carinho dos pais podem motivar as crianças a se esforçarem mais na escola. Esse envolvimento dos pais na vida escolar do filho acaba incentivando o mesmo a se esforçar mais, e assim valorizar a sua aprendizagem. Também é observado que quando a família e a escola têm um canal aberto de comunicação, é mais fácil identificar e resolver problemas acadêmicos e de comportamento dos alunos, a interação entre essas duas bases pode trazer diferentes perspectivas e abordagens para lidar com os desafios educacionais, o que pode também enriquecer a educação e desenvolvimento do aluno. Fante diz que:

“fatores externos são decisivos na formação da personalidade do aluno pelo que recebe no seu contexto familiar, social e pelos meios de comunicação (...) os fatores internos, que podem ser classificados em três: o clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar”. (2005, p.168)

Por tanto é importante que a escola valorize os conhecimentos prévios do aluno e que a família se mostre interessada no desenvolvimento dos seus filhos acompanhando as tarefas propostas, os tipos de relações interpessoais que estão sendo criadas e principalmente a qualidade de convivência no ambiente escolar. As declarações acima destacam a importância dessas duas instituições na formação integral do estudante. Para que essa junção seja facilitada é indispensável que a escola crie em seu Projeto Pedagógico práticas educativas familiares com o intuito de propiciar uma convivência afetiva na comunidade escolar. A escola é uma instituição que complementa a família. Juntas, elas se tornam agradáveis para a convivência das crianças. A escola não substitui a relevância do convívio familiar na formação da criança. Com esse sentido, vemos que a família e a escola dependem uma da outra, necessitando de uma parceria entre elas. É necessário construir uma relação entre escola e família, precisa se planejar e estabelecer compromissos, para que a criança tenha uma educação de qualidade em casa e na escola.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo bibliográfico foi compreender a relação escola e família, e quais são as contribuições e os conflitos entre essas relações. Esperamos que com este trabalho possamos mostrar e conscientizar sobre como a falta da participação da família impacta no ensino dos estudantes, visto que, quanto maior a abertura para que a família conheça o trabalho desenvolvido pela escola, maior será o interesse e a participação por parte dos pais em participar da vida escolar dos filhos. Sendo assim, apenas por meio do trabalho escolar comprometido com a realidade dos alunos e da conscientização dos pais de sua importância para a educação escolar dos filhos, pode-se desenvolver uma proposta de trabalho conjunto entre escola e família visando beneficiar a qualidade de ensino, tanto na escola, quanto na família.

Foi possível observar que ao longo dos séculos a escola passou por transformações significativas, desempenhando um papel fundamental para a formação de pessoas. Assim como a concepção de família evoluiu ao longo do tempo e varia culturalmente. A separação ou divórcio dos pais pode ser uma situação emocionalmente desafiadora para uma criança, assim como mudanças na estrutura familiar, disputas de custódia e tensões entre os pais podem causar ansiedade e distração na criança, afetando seu desempenho acadêmico. Essas situações podem causar trauma duradouro, dificultando a concentração, a confiança em si mesma e o relacionamento com os outros, incluindo colegas na escola. Outros problemas como mudanças frequentes de residência devido a instabilidade habitacional ou migração podem interromper a educação de uma criança, podendo resultar na perda de continuidade no currículo escolar e na dificuldade em se adaptar a novos ambientes.

Um ambiente emocionalmente seguro e de apoio pode motivar os alunos a se esforçarem mais, promovendo um maior valor pela aprendizagem, é muito importante que a escola valorize os conhecimentos prévios do aluno e que a família se mostre interessada no desenvolvimento dos seus filhos, acompanhando todas as tarefas propostas, os tipos de relações interpessoais que estão sendo criadas e principalmente a qualidade de convivência.

A escola é uma instituição que complementa a família, juntas elas se tornam agradáveis para a convivência dos educandos. A escola não substitui a relevância do

convívio familiar na formação da criança. Com isso vemos que a família e a escola dependem uma da outra, precisando sempre de uma parceria entre elas. É necessário construir essa relação entre escola e família, precisa se planejar e estabelecer compromissos, para que a criança tenha uma educação de qualidade em casa e na escola.

REFERÊNCIAS

ANDRADE DE LIMA, C. V.; PEREIRA DA COSTA, É.; RODRIGUES, R. O. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE OS PRINCIPAIS IMPACTOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO__EV174_MD1_ID11948_TB935_04082022145055.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2023.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

CAPPI SILVA, Sandra Cristina . A FAMÍLIA E A ESCOLA - DUAS FACES DE UM OBJETIVO. WEB ARTGOS, 2023. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-familia-e-a-escola-duas-faces-de-um-objetivo/170796>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Frasnelli, Marilei Salete. As relações interpessoais no atendimento a pais e responsáveis: a importância da relação entre família e escola. Santa Catarina, 2021. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/113293939/paper-marilei-2021?utm_medium=mobile&utm_campaign=android. Acesso em: 3 nov. 2023.

INOCÊNCIO, Kellin Cristina Melchior. O papel da escola, da família e da sociedade no desenvolvimento da criança com deficiência. Curitiba: Intersaberes, 2020.

INOCÊNCIO, Kellin Cristina Melchior. Alfabetizar com Paulo Freire: Aprendendo a Ler a Palavra pela leitura do mundo. Curitiba, 2021.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista De; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA: INTERSECÇÕES E DESAFIOS . 27. ed. Campinas: Estudos de Psicologia, 2010. v. 1. p. 99-108, jan./mar. 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD33pRyhkn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2023.

PRADO SOUZA, Maria Ester Do. FAMÍLIA/ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR. Dia a dia educação, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2023.

PEREIRA, M.; NEY, G. A. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/a-importancia-da-familia-no-desenvolvimento-da-aprendizagem-da-crianca.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2023.

RIBEIRO, Mônica Alves. CALDEIRA, Poliane Martins Quinto. ALVARENGA, Sâmella de Oliveira; Geruza Ney. Escola e família: uma aproximação necessária. Rev. Cosmos Acadêmico (ISSN 2595-0304), vol. 2, n.1, p. 28-38, jan./jul. 2017.

SANTOS, Diogo Evandro Alves Dos; SOUSA, Leandro Quaresma De. A FAMÍLIA E A ESCOLA: DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE. 110. ed. Fortaleza: Revista Científica Semana Acadêmica, 2017. v. 1.
Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/familia-e-escola-desafio-para-educacao-na-actualidade>. Acesso em: 3 nov. 2023.